



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CAMPUS IX**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANA PAULA DOS SANTOS TEIXEIRA**

**DESAFIOS DO PROFESSOR DIANTE DA INDISCIPLINA DOS**  
**ALUNOS EM SALA DE AULA**

**BARREIRAS – BA**

**2025**

**ANA PAULA DOS SANTOS TEIXEIRA**

**DESAFIOS DO PROFESSOR DIANTE DA INDISCIPLINA DOS  
ALUNOS EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia- Departamento de Ciências Humanas- Campus-IX, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Me. Aline Teixeira de Matos

**BARREIRAS – BA**

**2025**

**ANA PAULA DOS SANTOS TEIXEIRA**

**DESAFIOS DO PROFESSOR DIANTE DA INDISCIPLINA DOS  
ALUNOS EM SALA DE AULA**

**Monografia avaliada e aprovada em 10/12/2025 pela comissão formada pelos  
seguintes professores:**



**Prof. Me. Aline Teixeira de Matos  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB**



**Prof. Me. Jânia Cardoso dos Santos  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB**



**Prof. Dra. Emília Karla de Araújo Amaral  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB**

**BARREIRAS – BA**

**2025**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, pelo amor, apoio e incentivo em todos os momentos da minha vida acadêmica.

À minha orientadora, Professora Me. Aline Teixeira de Matos, pelo conhecimento compartilhado, paciência e orientação valiosa. E a todos os professores que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação, inspirando-me a buscar sempre o melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, proteção e inspiração em todos os momentos da minha vida, permitindo que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha família, pelo amor, compreensão e incentivo incondicional, que sempre me motivaram a seguir adiante e a acreditar nos meus sonhos.

Agradeço à minha orientadora, Professora Me. Aline Teixeira de Matos, pelo apoio, paciência e dedicação, fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço aos professores e colegas do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, por compartilhar conhecimento, experiências e contribuir para minha formação acadêmica e pessoal.

Por fim, meu sincero agradecimento a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste TCC. Cada orientação, palavra de incentivo e gesto de apoio foram essenciais para esta conquista.

## RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar os desafios enfrentados pelos professores diante da indisciplina em sala de aula, buscando identificar os comportamentos inadequados, os fatores que influenciam sua ocorrência e as estratégias adotadas por docentes e equipe gestora no enfrentamento dessa realidade. A investigação foi desenvolvida por meio de observações, aplicação de questionário e entrevista com professores dos anos iniciais do ensino fundamental. O estudo permitiu compreender que a indisciplina constitui um fenômeno complexo e multifacetado, marcado por dimensões familiares, sociais, emocionais e pedagógicas, que exigem dos profissionais uma atuação integrada e contextualizada. Os resultados revelaram que os comportamentos mais citados foram a desobediência, as conversas paralelas, o desrespeito às regras e a falta de comprometimento com as atividades. Evidenciou-se que a indisciplina tem sua origem, em grande parte, na ausência de acompanhamento familiar, na pouca participação dos pais na vida escolar e na carência de regras claras em casa e na escola. Conclui-se que lidar com a indisciplina exige do professor não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade, equilíbrio e intencionalidade pedagógica, transformando situações de conflito em oportunidades educativas para a construção de um ambiente escolar mais humano e democrático.

**Palavras-chaves:** indisciplina na sala de aula; anos iniciais; gestão de sala de aula; estratégias pedagógicas.

## ABSTRACT

This research aimed to analyze the challenges faced by teachers regarding indiscipline in the classroom, seeking to identify inappropriate behaviors, the factors influencing their occurrence, and the strategies adopted by teachers and the management team in tackling this reality. The investigation was conducted through observations, questionnaires, and interviews with elementary school teachers (initial years). The study allowed for the understanding that indiscipline constitutes a complex and multifaceted phenomenon, marked by family, social, emotional, and pedagogical dimensions, which demand integrated and contextualized actions from professionals. Results revealed that the most frequently cited behaviors were disobedience, side conversations, disrespect for rules, and lack of commitment to school activities. It was evidenced that indiscipline largely stems from the absence of family monitoring, low parental participation in school life, and a lack of clear rules both at home and at school. It is concluded that dealing with indiscipline requires teachers not only to master content but also to demonstrate sensitivity, balance, and pedagogical intentionality, transforming conflict situations into educational opportunities for the construction of a more human and democratic school environment.

**Keywords:** classroom indiscipline; early years ou initial years; classroom management; pedagogical strategies

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado.

TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade

PPP - Projeto Político Pedagógico

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b> - Frequência de comportamentos indisciplinados na sala de aula, segundo as professoras.....	27.
<b>Gráfico 2</b> - Comportamentos característicos de indisciplina, apontados pelas professoras .....	28
<b>Gráfico 3</b> - O contexto externo, em especial a família, e as influências sobre a indisciplina dos alunos na sala de aula.....	30
<b>Gráfico 4</b> - As condições da escola (estrutura, recurso, regras) influenciam na disciplina dos alunos.....	31
<b>Gráfico 5</b> - Estratégias utilizadas para lidar com a indisciplina.....	32
<b>Gráfico 6</b> - perfil do professor/metodologia de ensino impactam a disciplina na sala de aula dos alunos na sala de aula.....	32
<b>Gráfico 7</b> - Existencia de resultados com estratégias adotadas pela escola no combate a indisciplina.....	37

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
2.1 Reflexões sobre a indisciplina no contexto escolar .....	10
2.2 Conceito de disciplina .....	11
2.3 Percepções dos professores e fatores associados à indisciplina. ....	13
2.4 A construção do vínculo e do diálogo na sala de aula .....	14
2.5 Planejamento, prevenção e normas clara: estratégias contra a indisciplina .....	15
2.6 Responsabilidade pela disciplina em sala de aula .....	15
2.7 A gestão escolar e o suporte institucional .....	16
2.8 O papel essencial da família .....	16
2.9 A didática como mediação crítica e o papel da interação social na aprendizagem ...	17
2.10 Organização e gestão da escola: teoria e prática .....	17
2.11 A indisciplina na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).....	19
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>21</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
3.1 Tipo de pesquisa .....	21
3.2 – Local de realização e sujeitos da pesquisa.....	22
3.3 – Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....	22
3.4 Organização e análise dos dados .....	24
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>26</b>
4.Análise e interpretação dos dados coletados .....	26
4.1 Os comportamentos indisciplinados dos alunos.....	26
4.2 As percepções dos professores sobre os fatores que influenciam a ocorrência da indisciplina em sala de aula.....	28
4.3 As estratégias utilizadas pelos professores para lidar com a indisciplina dos alunos em seu cotidiano escolar.....	31
4.4 A perspectiva institucional: segundo o olhar da diretora e orientadora educacional.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41
--------------------------	----

## 1. INTRODUÇÃO

A indisciplina na sala de aula é um dos principais desafios enfrentados pelos professores. Pode se apresentar por meio de comportamentos inadequados ou desrespeitosos por parte dos alunos, ocorrendo de forma individual ou afetar uma turma inteira. Alunos desmotivados, conversas paralelas, falta de atenção, agressividade e resistência às regras são problemas típicos da indisciplina escolar e da sala de aula, afetando diretamente o processo ensino-aprendizagem no ambiente escolar.

A afinidade com o tema da indisciplina escolar teve início a partir das discussões e leituras realizadas durante a formação no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, *Campus IX*, motivando reflexões sobre as dificuldades reais que serão confrontadas no futuro no exercício da profissão. É previsível que todos os professores se deparem com situações que comprometam o ambiente de aprendizagem, tornando essencial a compreensão de suas causas e impactos.

Perante este desafio, formula-se o seguinte problema de pesquisa: De que forma os professores dos anos iniciais do ensino fundamental lidam com a indisciplina dos alunos em sala de aula? Este estudo busca analisar a indisciplina na sala de aula com destaque para a atuação dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental no enfrentamento dessa questão. Diante da relevância do tema, estabeleceu-se como objetivo geral analisar os desafios e estratégias docentes, e como objetivos específicos identificar os comportamentos considerados indisciplinados, investigar as percepções sobre os fatores que influenciam a indisciplina e descrever as estratégias utilizadas em sala de aula.

A discussão teórica que embasa este trabalho sinaliza que o enfrentamento da indisciplina requer a criação de limites e regras claras, o reconhecimento da influência de fatores familiares e socioeconômicos, e, sobretudo, uma postura e preparo emocional e pedagógico por parte do professor. Nesse sentido, o estudo entende que a indisciplina não é um problema isolado do aluno, mas reflete as relações escolares e sociais.

Nesta perspectiva, o presente estudo se justifica pela necessidade de o professor refletir, compreender e propor caminhos para uma atuação mais eficaz frente à indisciplina na sala de aula. A pesquisa visa oferecer contribuições para que a formação docente e o ambiente escolar promovam um espaço mais acolhedor, democrático e propício ao desenvolvimento integral dos alunos.

Além disso, para assegurar uma compreensão clara e organizada da temática investigada, esta monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se o referencial teórico, que discute os principais conceitos relacionados à indisciplina escolar, suas causas, implicações e as contribuições de autores que fundamentam a compreensão desse fenômeno no contexto educativo. O segundo capítulo descreve a metodologia adotada, detalhando o tipo de pesquisa, o local, os sujeitos participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos empregados na coleta e análise dos dados.

Por fim, o terceiro capítulo traz a análise e interpretação dos dados coletados, articulando as percepções das professoras, da diretora e da orientadora educacional com a literatura estudada, de modo a evidenciar os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas no enfrentamento da indisciplina em sala de aula.

## CAPÍTULO I

### 2. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 2.1 Reflexões sobre a indisciplina no contexto escolar

A indisciplina na sala de aula representa um dos desafios mais persistentes no cotidiano escolar, possuindo múltiplas e complexas causas. Longe de ser apenas um "problema de comportamento", ela frequentemente sinaliza dificuldades mais profundas, como falhas na comunicação, ausência de vínculos afetivos, desinteresse pelo conteúdo ou a falta de sentido percebida pelos alunos no processo de escolarização.

Este cenário recorrente gera grande preocupação e impacto no trabalho docente. Segundo Vasconcellos (2000), o professor perde um tempo significativo de aula tentando acalmar a turma, restabelecer a ordem e, só então, poder dar continuidade ao processo de ensino.

Para lidar com essa realidade, o professor é exigido em habilidades que transcendem o conhecimento teórico. São cruciais as habilidades emocionais, a escuta ativa, a paciência e a implementação de estratégias pedagógicas inovadoras. O ambiente escolar é, essencialmente, um espaço de convivência, aprendizagem e construção de valores. No entanto, quando ele se torna autoritário, excludente ou desmotivador, a resistência dos alunos é comumente expressa por meio de atitudes indisciplinadas. Essas manifestações podem incluir desde conversas paralelas, recusa em realizar atividades e desrespeito às normas e aos colegas, até comportamentos de impulsividade, desorganização ou resistência à autoridade e às rotinas.

Nessa perspectiva, a indisciplina escolar deve ser entendida como um conjunto de comportamentos que transgridam as normas de convivência da escola ou da sala de aula. Vasconcellos (2000, p. 34) ressalta que "a indisciplina é resultado de um processo e, portanto, deve ser compreendida em sua complexidade, e não combatida de maneira repressiva". Tratar a indisciplina como um problema isolado do aluno é insuficiente; ela precisa ser encarada como uma manifestação que engloba aspectos emocionais, sociais e pedagógicos, refletindo, muitas vezes, a falta de vínculo afetivo com o professor ou desmotivação com as atividades.

Refletir sobre a indisciplina implica, conseqüentemente, repensar o papel da escola e a própria prática docente. A indisciplina pode funcionar como um sinal de alerta para possíveis falhas na formação do professor e nos vínculos estabelecidos. O aluno que demonstra indisciplina é, frequentemente, aquele que não se sente pertencente, ouvido ou valorizado. Desse modo, o enfrentamento eficaz transcende a mera punição, exigindo o diálogo, a empatia,

a construção coletiva de regras e o fortalecimento das relações humanas no ambiente educacional.

É crucial destacar que o professor não deve ser responsabilizado isoladamente por este cenário. A compreensão da indisciplina e a busca por estratégias significativas requerem o apoio fundamental da equipe gestora, da família e de políticas públicas que valorizem sua prática e ofereçam condições adequadas de trabalho. Conforme salienta Gotzens (2003, p. 56), a função do professor é "criar condições que facilitem um encontro e um desenvolvimento harmônico de todas essas chaves, o que não é a mesma coisa que todos os ases nas mãos, garantindo, em uma só jogada, o êxito na partida". Gotzens (2003, p. 20) esclarece que:

A disciplina na escola ou na sala de aula é apresentada, na maioria das vezes, como um problema a ser solucionado, de maneira que as propostas que se oferecem sobre o tema são, principalmente, formas possíveis de abordar os fracassos que já se produziram no sistema escolar.

Complementando, a próxima seção buscará aprofundar o conceito de disciplina e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem.

## 2.2 Conceito de disciplina

A disciplina pode ser compreendida como o conjunto de normas e comportamentos essenciais para garantir a convivência organizada e o bom desenvolvimento das atividades na sala de aula. No contexto escolar, ela está diretamente ligada à construção de relações respeitadas, ao desenvolvimento da autonomia moral dos alunos e ao favorecimento efetivo da aprendizagem.

Segundo Gotzens (2003), a atenção e os processos de ensino são elementos que não podem ser dissociados, tornando-se essencial que o educador compreenda o equilíbrio necessário entre as exigências de cada um desses aspectos.

Essa perspectiva é veementemente defendida por autores como Vasconcellos, que propõe uma ruptura com a imposição autoritária. Para ele, a disciplina deve ser construída com base na consciência, no diálogo e na corresponsabilidade entre professor e aluno. O autor fortalece a ideia de que a disciplina deve garantir:

[...] as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula (e na escola), onde haja o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. (Vasconcellos, 2000, p. 40).

Vasconcellos complementa que é crucial "resgatar a humanidade, quebrar o automatismo e a passividade da participação, tornando as pessoas conscientes e senhoras de seus destinos" (Vasconcellos, 2000, p. 43). Essa nova relação educacional é vista como a base para a transformação do indivíduo (Vasconcellos, 2000). Dessa forma, a disciplina deixa de ser sinônimo de controle e punição, estabelecendo-se como uma ferramenta pedagógica que favorece a convivência e o processo de ensino-aprendizagem.

Essa concepção dialógica e formativa alinha-se tanto às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), que valoriza competências socioemocionais como empatia, cooperação e autocontrole, quanto à visão de outros teóricos. Gotzens (2003) e Libâneo (2006) reforçam que a disciplina deve ser orientada por princípios educativos, e não repressivos, estando intrinsecamente vinculada ao desenvolvimento moral e à formação cidadã.

Na mesma linha, Gotzens (2003, p. 60) propõe uma ruptura com a submissão à autoridade, ao afirmar:

Por isso as decisões sobre normas de comportamento tomadas pelo corpo docente deveriam, em nenhum caso, substituir o planejamento individual de cada professor no que se refere as normas de seu grupo ou grupos, pois quanto mais contextualizadas, maior será a eficácia que poderá resultar de seu cumprimento.

A autora defende, portanto, uma abordagem preventiva e pedagógica, na qual a disciplina é um processo formativo construído por meio da vivência de valores e da participação ativa dos alunos na formulação das regras. Assim, a disciplina deixa de ser um instrumento de controle externo e passa a ser internalizada pelos estudantes, à medida que compreendem o sentido das normas e seu papel no bem-estar coletivo.

Esse processo de interiorização encontra respaldo na teoria de Piaget (1994, p. 83) sobre o desenvolvimento moral. O autor argumenta que a disciplina não deve ser imposta de maneira autoritária, mas construída coletivamente, a partir do respeito mútuo e da cooperação. A criança, em seu desenvolvimento, transaciona de uma moral heterônoma (obediência pelo medo da punição) para uma moral autônoma (que compreende e valoriza as regras como resultado da convivência em grupo). Dessa forma, a indisciplina pode ser lida como um reflexo do estágio de desenvolvimento moral do aluno, cabendo ao professor criar situações que estimulem a cooperação e a construção da autonomia. Libâneo (2006), por sua vez, amplia o conceito, considerando a disciplina na escola como mediadora do processo de socialização e formação moral. Para ele, o trabalho docente é o exercício profissional com o compromisso de preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política (Libâneo, 2006, p. 47). Ele trata a disciplina como um componente

pedagógico essencial que contribui para o bom andamento do processo educativo, sem ser confundida com controle rígido.

Em síntese, a disciplina na escola, vista como um processo de humanização e avanço civilizatório, exige que o professor assuma um papel essencial como mediador de relações humanas. Ao promover um ambiente escolar democrático, afetivo e organizado, ele permite que os alunos compreendam e valorizem as regras como parte de uma convivência justa e cooperativa, fazendo com que a disciplina aconteça de forma consciente, consentida e livremente aceita para o bom funcionamento da instituição.

### 2.3 Percepções dos professores e fatores associados à indisciplina.

A indisciplina é, consistentemente, apontada pelos professores como um dos maiores obstáculos ao bom desenvolvimento das aulas e à aprendizagem dos alunos. Em suas percepções, o surgimento de comportamentos inadequados em sala de aula é atribuído a uma variedade de fatores que transcendem o ambiente escolar, abrangendo aspectos sociais, familiares, pedagógicos e emocionais.

Os docentes frequentemente associam a indisciplina a três esferas principais de fatores, que ultrapassam os limites da sala de aula e são discutidos por Vasconcellos (2000, p. 55):

- Fatores Familiares e Sociais: A falta de limites em casa e a influência de um contexto social marcado pelo individualismo.
- Fatores do Aluno: Desinteresse pelo conteúdo, dificuldades de aprendizagem e ausência de vínculo afetivo com os educadores.
- Fatores Pedagógicos e Escolares: Falhas no processo educativo, ausência de regras claras ou inconsistência na aplicação de limites.

Essa visão multifacetada é sustentada por teóricos da educação. Vasconcellos (2000), ao analisar a percepção docente, reforça que a falta de limites familiares e a influência social são agravantes. O autor enfatiza que a indisciplina se manifesta, muitas vezes, como um reflexo do vazio de sentido que os alunos encontram na escola, uma vez que o "aluno que não vê sentido no que aprende, que não se sente respeitado ou envolvido no processo pedagógico, tende a manifestar comportamentos indisciplinados como forma de resistência" (Vasconcellos, 2000, p. 55). Em complemento, Libâneo (2006) ressalta que "estabelecendo-se uma intenção propriamente pedagógica na atividade de ensino, a escola se torna uma instituição, o processo de ensino passar a ser sistematizado conforme níveis, tendo em vista a adequação as possibilidades das crianças, as idades e ritmo de assimilação dos estudos". O autor, ao lado de

Gotzens (2003), converge na crítica às falhas na gestão de sala de aula. Gotzens (2003) destaca que comportamentos inadequados tendem a surgir em ambientes pouco estruturados, com normas mal definidas e inconsistência nas ações do professor (Gotzens, 2003, p. 187). Portanto, a gestão democrática, a cooperação e o envolvimento ativo dos alunos no processo educativo são percebidos como elementos fundamentais para a promoção de um ambiente disciplinado e propício à aprendizagem. Um aspecto relevante nas percepções dos docentes é a falta de apoio institucional e emocional. Professores frequentemente se sentem isolados para lidar com situações desafiadoras, o que gera estresse, insegurança e desgaste profissional. Contudo, Gotzens (2003) orienta que essa dificuldade deve ser vista como um sinal de alerta e não como motivo de desânimo:

Quando isso ocorre, o problema de disciplina não pode ser motivo de desânimo ou de repulsa por parte do professor, mas, ao contrário, pois é apenas um aviso de algo não foi previsto ou não foi feito de forma suficientemente satisfatória e realista. (Gotzens, 2003, p. 187).

Diante dessas percepções, fica evidente que a indisciplina não pode ser tratada de forma simplista ou isolada. Ela exige uma abordagem pedagógica sensível, cooperativa e reflexiva, capaz de considerar o aluno em sua totalidade, mas também de garantir o apoio necessário ao professor para que ele possa exercer seu papel de mediador de forma eficaz.

O enfrentamento da indisciplina exige uma atuação profissional que vai além da mera reação. Para intervir de forma eficaz, o docente precisa primeiramente distinguir a natureza do comportamento indisciplinado – se é ocasional (como uma distração momentânea) ou sistemático (como afronta à autoridade ou recusa ao processo de aprendizagem). Essa compreensão é o ponto de partida para a Gestão de Sala de Aula, um conjunto de práticas que visa organizar o ambiente para torná-lo propício à aprendizagem. Segundo Libâneo (2006, p. 185), "O professor é responsável pela organização das atividades na sala de aula, devendo exercer autoridade para assegurar um ambiente propício à aprendizagem". Para isso, as estratégias de gestão devem ser firmes, mas pautadas na afetividade e na promoção da autonomia.

#### 2.4 A construção do vínculo e do diálogo na sala de aula

O professor assume um papel central como mediador de relações humanas. É fundamental que a postura docente seja exemplar, pois, como destacado no contexto de sala de aula, o professor deve ser o modelo: gritar com os alunos, por exemplo, ensina que o conflito não se resolve pela voz alta. Vasconcellos (2000, p. 69) reforça que a verdadeira relação

educativa é construída sobre um vínculo de confiança recíproco, no qual o educando confia na competência do professor e o professor confia na capacidade de aprender do educando.

Essa base afetiva se manifesta por meio de práticas simples "bom dia", chamar pelo nome e pela promoção do diálogo. Criar um ambiente respeitoso é crucial para evitar práticas como bullying e preconceitos. O vínculo e o diálogo promovem a autonomia, pois quando o aluno se sente responsável por seus projetos e aprendizagem, ele também se sente responsável por seu comportamento.

## 2.5 Planejamento, prevenção e normas claras: estratégias contra a indisciplina

A prevenção é a estratégia mais eficaz contra a indisciplina, pois um planejamento cuidadoso resulta em aulas interessantes, motivadoras e organizadas, prevenindo a maior parte das situações indesejadas (Gotzens, 2003). De fato, a manutenção de estratégias preventivas está associada a uma redução nos episódios de comportamentos indesejados por parte dos alunos (Gotzens et al., 2003).

A prevenção está diretamente ligada ao estabelecimento de normas de convivência, que precisam ser:

- Claras e consistentes: devem ser explicadas e debatidas, preferencialmente nos primeiros dias de aula, para que os alunos saibam o que se espera deles (Gotzens, 2003).
- Construídas coletivamente: ao participarem da elaboração de um "contrato de convivência", os alunos sentem-se corresponsáveis pelo seu cumprimento, promovendo a cooperação (Vasconcellos, 2000).
- Positivas: Gotzens (2003, p. 63) sugere que as normas devem ser comunicadas com foco no comportamento desejável, e não apenas nas proibições, ensinando valores e evitando situações de fracasso.

Segundo a literatura revisada, não existe um "receituário" ou conjunto de propostas prontas para lidar com os problemas de comportamento dos alunos. Em vez disso, a escola deve focar na organização e na dinâmica da sala de aula, estabelecendo práticas e relações que sejam coerentes com os propósitos educativos.

## 2.6 Responsabilidade pela disciplina em sala de aula

Vasconcellos (2000) defende que a disciplina e a convivência escolar de qualidade não são um dever exclusivo do professor, apesar de o docente exercer um papel essencial na mediação pedagógica. O autor ressalta que essa responsabilidade deve ser compartilhada por

uma rede de atores, incluindo a escola como um todo, os alunos, as famílias e o próprio sistema educacional. O professor é o principal mediador da convivência escolar. É responsável por estabelecer regras claras, promover o diálogo e criar um ambiente de respeito e cooperação. Vasconcellos (2000, p. 69) afirma que: "o professor precisa educar sem culpa. Para isto deve resgatar o seu papel dentro de uma nova concepção de educação". Os estudantes, por sua vez, são parceiros essenciais, uma vez que a disciplina envolve a formação da autonomia e da consciência crítica. Libâneo (2006) defende que a disciplina deve ser compreendida como um valor a ser interiorizado pelo aluno, e não apenas como uma obediência a normas impostas. A responsabilidade do aluno pelo seu comportamento deve ser estimulada desde o início do ano letivo, focando das relações interpessoais e no vínculo.

## 2.7 A gestão escolar e o suporte institucional

A gestão escolar tem a responsabilidade de oferecer o suporte institucional necessário aos professores e de garantir uma cultura escolar coerente e justa. Gotzens (2003) ressalta que, quando o professor atua sozinho, sem o respaldo e a coerência da escola, as medidas disciplinares podem se tornar ineficazes ou inconsistentes. É fundamental que a concepção de disciplina da escola esteja prevista no Projeto Político Pedagógico (PPP), que deve prever a orientação e conscientização do aluno envolvido em problemas de comportamento, visando à responsabilização e ao restabelecimento do vínculo com o grupo.

## 2.8 O papel essencial da família

A família também desempenha um papel fundamental na formação inicial das noções de respeito, limites e responsabilidade. Freire (1996) entende que essa formação começa em casa, com os primeiros exemplos de diálogo, escuta e respeito, e deve ser continuada na escola por meio de relações pedagógicas horizontais. Portanto, o alinhamento entre a disciplina praticada no ambiente familiar e a da escola é crucial para o sucesso da formação integral do aluno.

Em síntese, a disciplina consciente e efetiva floresce em ambientes onde os problemas são tratados de forma precoce e onde o foco das relações humanas visa a responsabilização consciente do aluno e o restabelecimento do vínculo, com o apoio e a coerência de todos os agentes educativos.

## 2.9 A didática como mediação crítica e o papel da interação social na aprendizagem

A didática é compreendida como um campo de mediação essencial entre a teoria educacional e a prática pedagógica desenvolvida na escola. Libâneo (2006 p. 23) afirma que a didática crítica não se limita à simples organização do ensino, mas deve estar comprometida com a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seu papel na transformação da sociedade. Nessa perspectiva, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conteúdos para assumir a função de mediador do conhecimento, atuando de maneira reflexiva e intencional na construção do processo educativo. Reforçando a importância de práticas pedagógicas que articulem teoria e realidade, a didática promove aprendizagens significativas e contextualizadas.

Essa função mediadora do professor encontra forte alicerce na teoria de Vygotsky (2007), que destaca a centralidade da interação social no desenvolvimento cognitivo. A visão mais importante para compreendermos as teorias de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano é a mediação. Acrescenta além disso, que a mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (Idem, p. 33). Para o autor, "todo aprendizado da criança na escola aparece duas vezes: primeiro no nível social, e depois no nível individual; primeiro entre as pessoas (interpsicológico) e depois no interior da criança (intrapsicológico)" (Vygotsky, 2007, p. 68).

Essa afirmação evidencia que o processo de aprendizagem não ocorre isoladamente, mas é mediado pelo contato social, pela comunicação e pela cultura. Inicialmente, as habilidades e conhecimentos são adquiridos no contexto das relações sociais e, posteriormente, internalizados pelo sujeito. Essa teoria reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a interação, o diálogo e a colaboração entre alunos e professores, confirmando o papel do ambiente coletivo como base para a construção do conhecimento.

## 2.10 Organização e gestão da escola: teoria e prática

Os fundamentos da gestão democrática na escola destacam a centralidade do trabalho coletivo na construção e implementação do Projeto Político-Pedagógico (PPP). Essa perspectiva compreende que a qualidade do ensino está diretamente relacionada ao envolvimento ativo de todos os segmentos da comunidade escolar — professores, alunos, pais, gestores e funcionários — nos processos decisórios.

Segundo Libâneo et al. (2006, p. 45), “a gestão democrática da escola implica a participação efetiva dos diversos segmentos da comunidade escolar nas decisões pedagógicas

e administrativas”. Nesse sentido, a gestão participativa contribui não apenas para a melhoria da prática educativa, mas também para o fortalecimento da cidadania e da responsabilidade social.

Ao promover a corresponsabilidade dos sujeitos na organização do trabalho escolar, a gestão democrática constrói um ambiente mais justo, inclusivo e, sobretudo, comprometido com a formação integral e com a disciplina consciente dos alunos, integrando assim as decisões administrativas às finalidades pedagógicas da instituição.

Celso Antunes (2003) propõe estratégias pedagógicas voltadas para a construção de aulas mais dinâmicas, interativas e significativas, com foco no desenvolvimento integral dos estudantes. Para o autor, o planejamento docente deve considerar o perfil cognitivo dos alunos e utilizar metodologias ativas que estimulem a participação, a curiosidade e o pensamento crítico.

Antunes valoriza a aprendizagem significativa como elemento central do processo educativo, defendendo que o ensino precisa despertar no estudante o interesse em aprender e a vontade de explorar o conhecimento. Como destaca o autor, “a boa estratégia de ensino é aquela que provoca no aluno o desejo de descobrir, investigar, criar e ousar” (Antunes, 2003, p. 28).

Assim, o professor assume o papel de facilitador da aprendizagem, criando situações desafiadoras e contextualizadas. Essa abordagem favorece diretamente o protagonismo do aluno no processo educativo, atuando como uma importante estratégia preventiva contra a indisciplina motivada pelo tédio e pela falta de sentido.

Antunes (2001), baseado na teoria das Inteligências Múltiplas, contribui para a compreensão da diversidade no processo de aprendizagem ao propor estratégias que visam identificar e estimular os diferentes tipos de inteligência presentes nos alunos, como a linguística, lógico-matemática, corporal-cenestésica, musical, interpessoal, intrapessoal, naturalista e espacial.

A partir dessa perspectiva, o autor defende que o processo de ensino deve considerar essas variações cognitivas, respeitando as potencialidades individuais dos estudantes e promovendo práticas pedagógicas diversificadas. Nesse sentido, reconhece-se que não existe uma única forma de ensinar ou aprender. Como afirma Antunes, “reconhecer a multiplicidade das inteligências humanas é admitir que há muitas maneiras de ensinar e infinitas possibilidades de aprender” (Antunes, 2001, p. 47).

Essa abordagem é fundamental, pois valoriza a personalização do ensino e contribui decisivamente para tornar a aprendizagem mais inclusiva e significativa. Ao engajar o aluno por meio de suas habilidades predominantes, o professor transforma a aula em um espaço de

sucesso e reconhecimento, o que atua como um poderoso fator de prevenção contra a desmotivação e a indisciplina decorrente do fracasso escolar.

A eficácia da prática pedagógica depende de elementos que vão além da mera transmissão de conteúdo. Antunes (2012) destaca a importância da afetividade, da criatividade, do planejamento intencional e da avaliação formativa no processo de ensino-aprendizagem. Para o autor, o sucesso educacional reside na capacidade do professor de refletir criticamente sobre sua prática e adaptá-la às necessidades dos alunos. Ensina o autor que "ensinar é muito mais do que transmitir conteúdos; é provocar a aprendizagem e emocionar com o saber" (Antunes, 2012, p. 54). Dessa forma, o professor é visto como um agente que inspira, acolhe e instiga o aluno a aprender com sentido e propósito.

Nesse contexto de complexidade, Perrenoud (2000) propõe as dez competências essenciais para o professor contemporâneo, ressaltando que ensinar hoje exige uma atuação multifacetada. O autor afirma que "ensinar não é mais simplesmente transmitir conhecimentos, mas organizar e facilitar a aprendizagem em situações cada vez mais complexas e diferenciadas" (Perrenoud, 2000, p. 17). O domínio dessas competências, que incluem a gestão da aprendizagem, a diferenciação pedagógica e a reflexão crítica, é crucial para que o professor consiga mobilizar as emoções, combater o desinteresse e, assim, garantir que a disciplina em sala de aula.

## 2.11 A indisciplina na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) é o documento normativo que orienta os currículos da Educação Básica brasileira, estabelecendo conhecimentos, competências e habilidades esperados para todos os estudantes. Em sua busca por uma formação humana integral e a construção de uma sociedade justa e democrática, a BNCC estrutura a educação em dez Competências Gerais.

A Competência geral é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2017, p. 8).

A BNCC incorpora explicitamente a educação socioemocional, que impacta a construção da disciplina em sala de aula. As competências em destaque demonstram isso:

- Competência Geral 8 (autoconhecimento e autocuidado): prioriza a saúde física e emocional, estabelecendo a capacidade de:

"Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas" (Brasil, 2017, p. 10).

- Competência Geral 9 (Empatia e Cooperação): Busca a convivência ética e respeitosa:

"Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos... sem preconceito de qualquer natureza" (Brasil, 2017, p. 10).

- Competência Geral 10 (Responsabilidade e Cidadania): Visa a autogestão e o posicionamento ético:

"Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários" (Brasil, 2017, p. 10).

Ao propor a união do desenvolvimento socioemocional com o cognitivo, o documento defende uma abordagem formativa e humanizada da educação. As habilidades de diálogo, resolução de conflitos e cooperação, que a BNCC enfatiza, são os pilares da disciplina consciente e atuam como instrumentos eficazes para formar cidadãos críticos e capazes de lidar com as próprias emoções para criar soluções na sociedade.

## CAPÍTULO II

### 3. METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que o fenômeno da indisciplina escolar envolve significados, percepções e interpretações construídas nas interações cotidianas entre alunos e professores. Conforme destaca Brandão (2001), a pesquisa qualitativa tem como foco a compreensão dos sentidos que os sujeitos atribuem às suas vivências e às relações sociais em que estão inseridos, constituindo, assim, uma perspectiva interpretativa. Nessa direção, o estudo buscou investigar as percepções dos professores do ensino fundamental sobre a indisciplina em sala de aula e identificar as estratégias utilizadas para lidar com essa questão, considerando o contexto escolar como um espaço dinâmico e relacional, permeado por valores, práticas e desafios próprios do processo educativo.

#### 3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como uma pesquisa de campo, por permitir o estabelecimento de relações entre teoria e prática, tornando os dados mais significativos e aplicáveis. De acordo com Gil (2002, p. 51), “pesquisa de campo é o levantamento de dados diretamente da realidade, onde os fatos ocorreram, sendo adequada quando o pesquisador busca compreender como o fenômeno se manifesta no cotidiano das pessoas”. Trata-se de um tipo de investigação científica que tem como objetivo observar, descrever e analisar fatos ou fenômenos tal como ocorrem na realidade, ou seja, diretamente no local onde acontecem. Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa de campo é fundamental quando o propósito do estudo é compreender os fenômenos a partir da observação direta da realidade, ouvindo as pessoas envolvidas e analisando o ambiente em que o fato ocorre.

Dessa forma, a escolha pela pesquisa de campo justifica-se pela necessidade de coletar dados diretamente no ambiente escolar, o que possibilita uma compreensão mais profunda e contextualizada sobre a indisciplina em sala de aula. A abordagem adotada é de natureza qualitativa, pois tem como foco central a compreensão dos significados que os sujeitos atribuem às suas vivências e relações sociais, sendo, portanto, considerada uma abordagem interpretativa (Brandão, 2001). Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa buscou investigar aspectos subjetivos, complexos e contextuais de um fenômeno, mostrando-se “particularmente adequada ao estudo de grupos sociais, comportamentos, opiniões, percepções e atitudes” (Gil, 2002, p. 42).

### 3.2 – Local de realização e sujeitos da pesquisa

O estudo foi realizado em uma Escola Pública Municipal situada no município de Barreiras, Bahia, selecionada por meio de amostragem não probabilística por conveniência (ou acesso facilitado).

Critério de seleção: a escola foi escolhida devido à sua proximidade geográfica com a pesquisadora, o que possibilitou otimizar recursos logísticos e financeiros, além de facilitar a realização das visitas necessárias para a coleta de dados.

Justificativa: a utilização da amostragem por conveniência não comprometeu os objetivos do estudo, uma vez que a pesquisa possui natureza predominantemente qualitativa.

Assim, o interesse central não recai sobre a generalização estatística dos resultados para toda a rede escolar, mas sim sobre a compreensão aprofundada do fenômeno investigado em um contexto específico. A instituição atende aproximadamente 560 alunos, distribuídos em 11 turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Os sujeitos da pesquisa foram quatro (04) professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, todos do turno matutino; uma (01) Diretora e uma (01) orientadora educacional. A seleção das participantes foi realizada por meio de sorteio, conduzido pela coordenadora pedagógica da escola.

As participantes da pesquisa foram selecionadas mediante aceite espontâneo ao convite para integrar o estudo, incluindo as professoras, a diretora da escola e a orientadora educacional, responsáveis pelos estudantes da pesquisa.

Vale ressaltar que tanto as professoras quanto a diretora e a orientadora educacional receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi devidamente assinado. Nesse documento, foram explicitados os objetivos da pesquisa, os procedimentos adotados, bem como as garantias de sigilo e confidencialidade das informações fornecidas.

### 3.3 – Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica com base em fontes confiáveis, extraídas de sites institucionais, artigos e livros científicos relacionados ao tema da pesquisa, publicados, em sua maioria, nos últimos 31 anos. Após essa etapa, o estudo prosseguiu com a aplicação de diferentes instrumentos e procedimentos de coleta de dados, organizados em três momentos complementares.

No primeiro momento, foi realizada a **observação direta**, que consistiu no acompanhamento de três turmas das professoras participantes, selecionadas por meio de sorteio conduzido pela coordenadora da escola. O objetivo dessa etapa é compreender as dinâmicas de interação em sala de aula, identificar manifestações de comportamentos indisciplinados e analisar as estratégias de gestão adotadas pelas professoras diante dessas situações. A observação foi conduzida de forma sistemática, buscando registrar as ocorrências tal como se manifestavam no contexto escolar, sem interferência do pesquisador. Aconteceu no dia 29/09/2025 ao dia 06/10/2025, no período matutino durante 4 horas diárias, totalizando 6 dias de observação. Conforme destaca Gil (2002, p. 53), “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”.

No **segundo momento**, foi aplicado um **questionário** composto por dez perguntas, sendo sete de natureza fechada e dez abertas, elaborado por meio da plataforma Google Forms e questionário escrito, com o intuito de facilitar a organização das respostas e garantir o anonimato dos participantes. O instrumento teve como objetivos identificar os comportamentos considerados indisciplinados, investigar as percepções das professoras sobre os fatores que influenciam a indisciplina e levantar as estratégias utilizadas pelas elas para lidar com essa questão.

De acordo com Gil (2002, p. 114), “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado”. Trata-se, portanto, de um recurso que possibilita a obtenção de informações de forma padronizada, direta e objetiva junto aos participantes da pesquisa. Nessa mesma perspectiva, Lakatos e Marconi (2003) afirmam que o questionário é um instrumento adequado para pesquisas na área da educação, por favorecer a coleta de opiniões, atitudes e percepções de maneira organizada, permitindo ao pesquisador interpretar a realidade estudada com maior amplitude.

No presente estudo, a aplicação do questionário teve como finalidade compreender as concepções dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da indisciplina, identificando tanto os comportamentos considerados inadequados quanto as possíveis causas e estratégias adotadas para o enfrentamento dessas situações. Assim, o questionário configura-se como um instrumento pertinente para oferecer subsídios que dialogam diretamente com os objetivos específicos da pesquisa e contribuem para uma compreensão mais ampla e contextualizada do fenômeno investigado.

No **terceiro momento**, foi realizada uma **entrevista semiestruturada** com a diretora e com a orientadora educacional do ensino fundamental, com o propósito de conhecer e aprofundar as percepções da equipe gestora sobre a indisciplina escolar. Composta por apenas duas perguntas abertas, direcionada ao sentido geral sobre a indisciplina. Essa etapa também permitiu compreender de forma mais ampla as ações institucionais voltadas ao enfrentamento da indisciplina, bem como os encaminhamentos político-pedagógicos de orientação às professoras, enriquecendo a análise dos dados coletados.

Conforme destacam Lakatos e Marconi (2003), a entrevista constitui uma técnica de interação social que possibilita a coleta de informações subjetivas e contextuais, muitas vezes inacessíveis por outros meios. Assim, a entrevista semiestruturada mostrou-se adequada para este estudo, por permitir à pesquisadora explorar percepções, interpretações e experiências das gestoras, articulando-as às demais fontes de dados e contribuindo para uma compreensão mais profunda e contextualizada do fenômeno investigado.

### 3.4 Organização e análise dos dados

A análise dos dados consistiu em um conjunto de procedimentos sistemáticos que possibilitaram organizar, interpretar e discutir as informações obtidas ao longo da pesquisa. Trata-se de uma etapa essencial nas investigações qualitativas, especialmente na área da educação, por permitir compreender significados, sentidos e conteúdo que nem sempre se manifestam de forma explícita nos discursos dos participantes.

No presente estudo, a análise foi conduzida com base na análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Essa abordagem metodológica contribuiu significativamente para a investigação qualitativa, ao possibilitar um exame minucioso e rigoroso dos dados, favorecendo a identificação de categorias, padrões recorrentes e significados emergentes. Além disso, a Análise de Conteúdo mostrou-se flexível e adaptável, permitindo uma compreensão contextualizada do fenômeno estudado.

Segundo Bardin (2016), a Análise de Conteúdo se desenvolve em três fases principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, fase em que se realizam as interpretações. Essa metodologia não se limita à descrição dos dados; ao contrário, busca evidenciar sentidos explícitos e implícitos presentes nos discursos, revelando significados subjacentes e favorecendo uma leitura aprofundada da realidade educacional.

No presente estudo, todas as etapas foram seguidas conforme descrito a seguir:

1. Pré-análise: inicialmente, realizou-se uma leitura flutuante das respostas fornecidas pelos professores no questionário, com o objetivo de familiarizar-se com o conteúdo, perceber significados preliminares e identificar elementos relevantes relacionados à indisciplina. Nessa fase, definiu-se também o corpus da pesquisa — constituído pelas respostas ao questionário — bem como os objetivos da análise e os critérios de seleção das unidades de registro que seriam posteriormente codificadas.
2. Exploração do material: essa etapa consistiu na codificação das respostas e na identificação das unidades de significado presentes nos discursos dos participantes. Palavras, expressões e ideias relacionadas às percepções das professoras, às causas da indisciplina e às estratégias utilizadas para lidar com essa problemática foram agrupadas em categorias temáticas. As categorias emergiram do próprio conteúdo analisado, o que permitiu organizar o material de forma coerente e evidenciar padrões de sentido recorrentes entre as docentes participantes.
3. Interpretação dos resultados: na etapa final, as categorias construídas foram analisadas à luz do referencial teórico, especialmente dos autores que discutem indisciplina, gestão da sala de aula e convivência escolar. Esse processo interpretativo possibilitou compreender os significados atribuídos pelas professoras às situações vivenciadas e responder aos objetivos da pesquisa. A partir desse diálogo entre dados empíricos, literatura especializada e contexto escolar, emergiram reflexões relevantes sobre os desafios enfrentados pelos profissionais no manejo da disciplina em sala.

A Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2016), mostrou-se fundamental para a investigação, pois permitiu compreender, de maneira sistemática e aprofundada, como os professores percebem e enfrentam a indisciplina em sala de aula. Inicialmente, destacaram-se palavras-chave como conversas paralelas, desobediência, falta de limite e falta de diálogo, recorrentes nas respostas dos participantes. Em seguida, as informações compiladas foram organizadas em categorias temáticas, o que facilitou a análise fundamentada no referencial teórico adotado. Por fim, realizou-se uma discussão aprofundada dos achados, contemplando percepções essenciais, contribuições relevantes e perspectivas apresentadas pelos professores que participaram da pesquisa.

### CAPITULO III

#### 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Antes de iniciar a análise dos dados obtidos neste estudo, faz-se necessário contextualizar o processo de coleta dos dados e os objetivos que orientaram esta etapa investigativa. A pesquisa foi desenvolvida em três turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental — 1º ano A, 2º ano A e 3º ano A — com o propósito de compreender de forma mais ampla os comportamentos indisciplinados apresentados pelos alunos, as percepções dos professores acerca dessas ocorrências e as estratégias adotadas pela escola para lidar com a indisciplina no ambiente escolar. A análise a seguir busca interpretar os dados à luz dos estudos de Badin (2016) e dos referenciais teóricos que sustentam esta pesquisa, de modo a identificar padrões, significados e possíveis relações entre as práticas pedagógicas e as manifestações de indisciplina observadas.

##### 4.1 Categoria 1 - Os comportamentos indisciplinados dos alunos

Embora seja uma tarefa desafiadora dada a carga horária e o número de alunos, é crucial que o professor busque um conhecimento da turma. Vasconcellos (2000, p. 90) enfatiza a importância de analisar a gênese do problema, ou seja, a "história do aluno e/ou da classe: que experiências teve nos anos anteriores, que visão tem da escola, da disciplina, daquela matéria específica, do professor". Essa visão geral sobre a realidade extraescolar, foi pontuada pela diretora e orientadora educacional, inclusive por meio de práticas como reuniões com as famílias. O envolvimento escolar e do professor, e não apenas as regras, marcam profundamente o comportamento do estudante.

Esta dimensão refere-se à qualidade das relações humanas no interior da sala de aula. Sem um clima de trabalho cooperativo e sem a capacidade de estabelecer uma relação de maior proximidade com os alunos, o processo de conhecimento fica profundamente comprometido.

É fundamental que o professor desenvolva a competência relacional, que implica sensibilidade e controle sobre as próprias respostas emocionais. Gotzens (2003, p. 51).

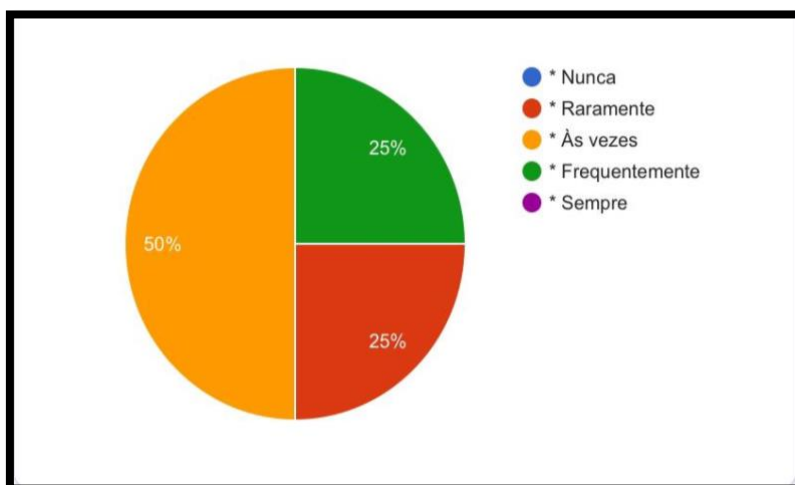
Durante as observações no 1º ano, alguns comportamentos de indisciplina foram visíveis. As professoras responderam que a indisciplina tinha a ver com as conversas paralelas e desobediência, por exemplo: conversas paralelas, agressividade verbal ou física e desobediência.

Entretanto, no 2º ano A, os episódios de indisciplina teve pouca frequência em sala de aula. Os alunos mantiveram-se atentos e participativos, demonstrando respeito pelas orientações da professora e engajamento nas atividades propostas. No 3º ano A, a turma também apresentou comportamento adequado, especialmente durante as atividades em grupo e nas dinâmicas de leitura e dramatização. Embora tenha havido momentos de dispersão pontual, prevaleceu um clima de respeito e colaboração.

De acordo com as respostas das professoras, os dados indicam que a indisciplina é um fenômeno presente em todas as salas investigadas, variando de intensidade conforme a realidade de cada docente. O gráfico de pizza apresentado ilustra as respostas à pergunta “com que frequência você observa comportamentos de indisciplina em sua sala de aula?”, fornecendo um panorama sobre a percepção de professores (ou respondentes) em relação à ocorrência de indisciplina no ambiente educacional. Esta análise se baseia em um total de 6 respostas distribuídas em quatro categorias de frequência: nunca, raramente, às vezes e frequentemente.

Os dados são cruciais para entender a escala do desafio de gestão de comportamentos em sala de aula e podem servir de ponto de partida para a discussão de estratégias pedagógicas e de intervenção. A predominância das respostas “às vezes” e “frequentemente” (75% ao todo) evidencia que o problema é significativo e merece atenção na gestão pedagógica e nas práticas de sala de aula.

Gráfico 1: Frequência de comportamentos indisciplinados na sala de aula, segundo as professoras

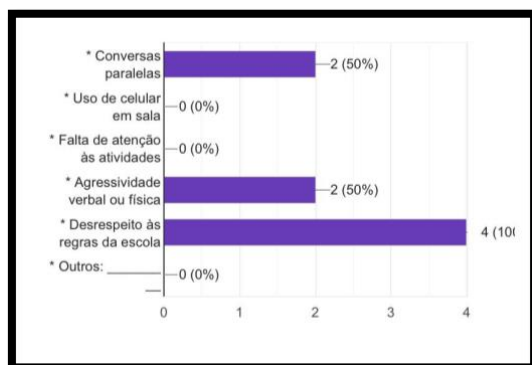


Fonte: elaborado pelo Google forms (2025)

Esse gráfico reforça que a indisciplina não é um evento isolado, mas um desafio recorrente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, exigindo estratégias contínuas de manejo e intervenção por parte dos professores.

Além disso, a ausência de respostas extremas ("nunca" e "sempre") sugere que o fenômeno é percebido de forma dinâmica, variando conforme o comportamento dos alunos, o clima escolar e as práticas pedagógicas.

Gráfico 2: Comportamentos característicos de indisciplina, apontados pelas professoras



Fonte: elaborado pelo Google forms (2025)

O gráfico de barras acima (questão 2) identifica os comportamentos mais característicos de indisciplina percebidos pelos respondentes. Os resultados mostram uma percepção clara da hierarquia da indisciplina:

- Desrespeito às regras da escola é o principal indicador, sendo apontado por todos os participantes (100%).
- Em seguida, conversas paralelas e agressividade verbal ou física foram destacados por 50% dos respondentes.

Estes dados direcionam a atenção para a necessidade de reforçar as normas de convivência e mediar conflitos sociais na escola.

#### 4.2 Categoria 2 - As percepções dos professores sobre os fatores que influenciam a ocorrência da indisciplina em sala de aula

Os dados sugerem que a indisciplina, conforme percebida pelas professoras, está fortemente relacionada a aspectos que envolvem quebra de normas e regras institucionais. O fato de todas as participantes apontarem o desrespeito às regras da escola, desobediência e falta de limite como comportamento central revela que a indisciplina é compreendida mais como transgressão das normas coletivas do que como comportamentos exclusivamente individuais de dispersão ou desatenção.

A presença das conversas paralelas e da agressividade verbal ou física como comportamentos frequentes (50%) reforça que a indisciplina abrange tanto manifestações verbais e relacionais, quanto atitudes de oposição e conflito, interferindo no processo de ensino-aprendizagem e no clima da sala de aula.

Interessante notar que falta de atenção às atividades não apareceu como comportamento significativo para as docentes, sugerindo que, nesse contexto, a indisciplina está mais ligada ao comportamento ativo de ruptura do que à passividade ou desengajamento.

Esse conjunto de dados confirma que a indisciplina percebida pelas professoras é multifacetada, envolvendo desde infrações às normas até comportamentos que afetam a convivência e o andamento das aulas.

Durante as observações realizadas nas três turmas, foi possível identificar diferentes manifestações de comportamentos considerados indisciplinados. No 1º ano A, observou-se que, no momento da explicação da professora, alguns alunos participaram ativamente, enquanto outros conversavam entre si, demonstrando dispersão. Um caso mais acentuado foi o de um aluno que corria pela sala durante a explicação, o que interrompia momentaneamente a condução da aula. No segundo horário, sob a regência de outra professora, percebeu-se uma maior dificuldade em manter a disciplina: alguns alunos se levantavam constantemente, conversavam em excesso e brincavam durante a explicação da atividade, exigindo um esforço adicional da docente para restabelecer a ordem e dar continuidade à aula.

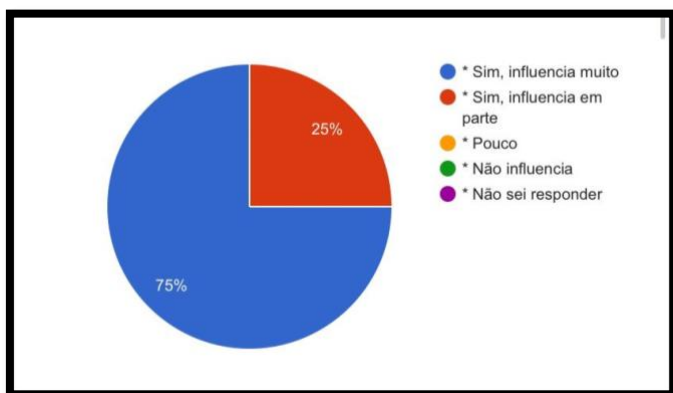
As observações e os dados do questionário sugerem que os fatores que influenciam a indisciplina também estão relacionados, à organização da aula, à clareza das regras, falta de limites e de diálogo, e ao vínculo afetivo entre professor e aluno. No 1º ano A, a dificuldade em manter a atenção dos alunos pareceu estar ligada à transição de professores e à falta de rotina estruturada naquele momento, a partir do final da aula da professora A e início do segundo horário com a professora B. A presença de duas cuidadoras, sendo uma delas com vínculo afetivo mais forte com dois alunos de comportamento desafiador, também interferiu na dinâmica da sala - ora ajudando, ao buscar o diálogo, ora dificultando, ao reforçar vínculos de dependência emocional.

Já no 2º e 3º ano A, o bom comportamento dos alunos pareceu diretamente associado ao estabelecimento de regras claras, ao planejamento das atividades e à relação positiva entre professor e turma. As aulas foram conduzidas de forma dinâmica e acolhedora, favorecendo a atenção e o envolvimento dos alunos. Esses aspectos corroboram a ideia de que a indisciplina não se resume apenas à ausência de limites, mas também à forma como o ambiente escolar e as relações interpessoais são organizados.

As leituras fundamentadas em Vasconcellos (2000) em que a discussão recai sobre a gestão das normas e da convivência em grupo ratificam as percepções das professoras. Todas concordam que se não houver organização da coletividade e um clima propício ao trabalho, a disciplina não se estabelece. Esta percepção abrange a definição clara de regras, a mediação de conflitos e a criação de uma cultura de corresponsabilidade mútua.

O seguinte gráfico pizza, direciona o foco da análise para a indisciplina, perguntando: “Você considera que o contexto familiar dos alunos influencia no comportamento em sala de aula?”. Com base nas 6 respostas coletadas, o gráfico revela que há um consenso quase total entre os respondentes sobre a importância do ambiente familiar na conduta dos alunos. A grande maioria (75%) acredita que a família “sim, influencia muito”, enquanto os 25% restantes indicam que ela “sim, influencia em parte”. Esse resultado sublinha a visão de quem a indisciplina não é apenas um problema escolar, mas sim um fenômeno multifatorial, onde o suporte e o contexto doméstico são vistos como elementos determinantes no comportamento em sala de aula.

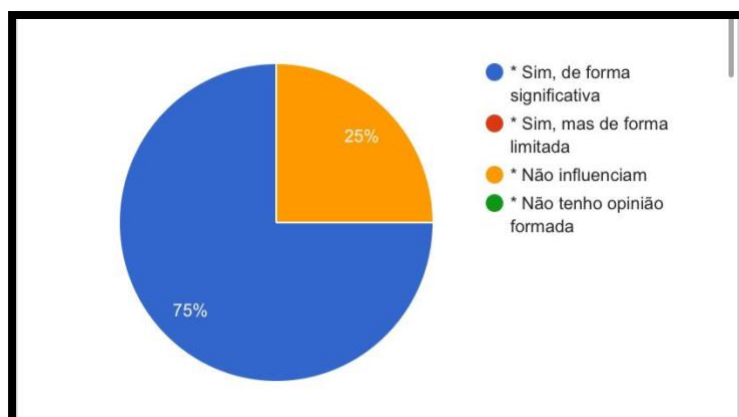
Gráfico 3: O contexto externo, em especial a família, e as influências sobre a indisciplina dos alunos na sala de aula.



Fonte: elaborado pelo Google formrs (2025)

O gráfico de pizza abaixo aborda a influência da estrutura, recursos e regras da escola na disciplina dos alunos. Os resultados demonstram um alto consenso de que o ambiente escolar é um fator relevante. 75% dos respondentes acreditam que as condições da escola influenciam “de forma significativa” a disciplina, com os 25% restantes indicado uma influência “limitada”. Isso reforça que a gestão da disciplina é multifatorial, dependendo tanto do contexto familiar quanto das condições internas da escola.

Grafico 4: As condições da escola ( estrutura, recursos, regras) influenciam na disciplina dos alunos.



Fonte: elaborado pelo Google forms

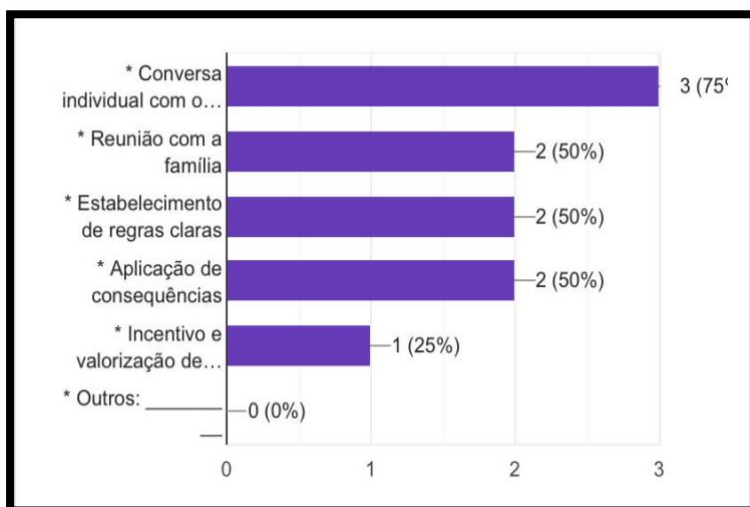
(2025)

### 4.3 Categoria 3 - As estratégias utilizadas pelos professores para lidar com a indisciplina dos alunos em seu cotidiano escolar

Reconhecendo a indisciplina estudantil como um desafio central no cotidiano escolar, esta seção se propõe a analisar as estratégias concretas e adaptáveis utilizadas pelos professores para gerenciar e intervir nesses comportamentos. A análise a seguir detalha como a escolha e aplicação dessas abordagens variam de acordo com o perfil de cada turma e postura pedagógica do educador, buscando apresentar as práticas observadas no ambiente de sala de aula

As estratégias observadas variaram de acordo com o perfil de cada turma e a postura da professora. No 1º ano A, a professora A utilizou de diálogo, reforço de regras e reorganização do espaço como forma de controlar a agitação dos alunos. A presença das cuidadoras também contribuiu para o acompanhamento mais próximo de algumas crianças. O gráfico a seguir mapeia as estratégias de intervenção utilizadas pelas professoras para lidar com a indisciplina. A “conversa individual com o aluno” é a tática mais utilizada (75%), indicando uma preferência por abordagens diretas. As estratégias de “reunião com a família”, “estabelecimento de regras claras” e “aplicação de consequências” são citadas por 50% dos respondentes.

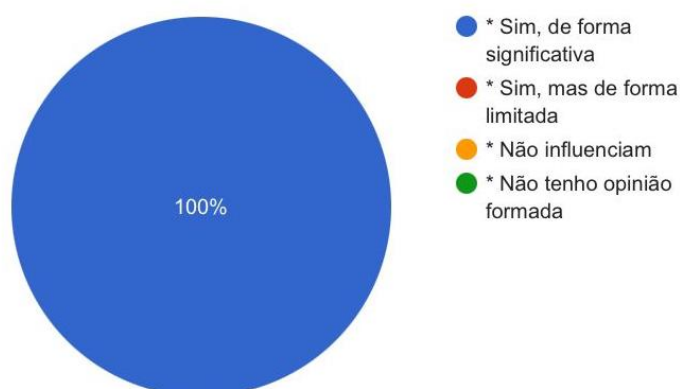
Gráfico 5: estratégias utilizadas para lidar com a indisciplina



Fonte: elaborado pelo Google formrs (2025)

O gráfico seguinte questiona se o perfil do professor e sua metodologia impactam a disciplina. Os resultados mostram um consenso absoluto (100%) de que a influência é “sim, de forma significativa”. Este achado é crucial, pois aponta a capacidade de intervenção direta do educador como o fator mais importante para a gestão e prevenção da indisciplina, destacando a relevância da metodologia de ensino e da formação do professor.

Gráfico 6: perfil do professor/metodologia de ensino impactam a disciplina na sala de aula.



Fonte: elaborado pelo Google formrs (2025)

No 2º ano A, observou-se uma atuação inclusiva e diferenciada, especialmente em relação a dois alunos com dificuldades de aprendizagem — um com diagnóstico de TDAH e outro sem diagnóstico definido. A professora C adaptou as atividades para atender às suas

necessidades e manteve o restante da turma envolvido, o que reduziu possíveis episódios de indisciplina.

No 3º ano A, a professora D apresentou estratégias participativas e criativas, como o uso do círculo, dramatizações e atividades com perguntas dentro de uma caixa. Essa metodologia ativa estimulou a cooperação e o respeito entre os alunos, reforçando o vínculo e o clima de harmonia em sala de aula. Além disso, foi perceptível o cuidado da professora em dar atenção individualizada, inclusive a uma criança com autismo, demonstrando sensibilidade e compromisso com a inclusão. Sobre isso, a diretora e a coordenadora afirmaram: “que trabalha com valores morais, conversas com os pais e conscientização”.

De modo geral, as observações indicam que o diálogo, a estrutura, recursos, regras e planejamento pedagógico são elementos fundamentais para prevenir e lidar com situações de indisciplina nos anos iniciais, confirmando a relevância de práticas educativas que valorizem a escuta, o acolhimento e a participação ativa dos alunos.

Todavia mesmo com iniciativas preventivas, problemas de comportamento podem surgir. Nesses casos, a intervenção deve ser imediata, proporcional e visar a formação, e não a humilhação. Neste sentido, Perrenoud (2000, p. 113) argumenta que a reação do professor à indisciplina deve "visar restaurar a ordem, mas também ensinar autonomia e responsabilidade."

A intervenção deve incluir a conversa privada com o aluno, na qual se aponta especificamente o comportamento inadequado e se reafirmam as diretrizes da sala de aula. Para Vasconcellos (2000, p. 91), a escola precisa prever esse "espaço para o professor ter este 'particular' com o aluno".

As professoras pesquisadas são unânimes em afirmar que o enfrentamento da indisciplina exige a parceria com os familiares ou responsáveis. Argumentam que a escola não deve chamar os pais apenas para relatar problemas, mas propõe que a família esteja presente na vida escolar dos filhos.

Em suma, a gestão da disciplina para as professoras, conforme sintetiza Vasconcellos (2000), deve superar práticas autoritárias e ser construída de forma cooperativa, com firmeza e afeto, visando ao bem comum e ao desenvolvimento integral e consciente dos alunos.

#### 4.4 A perspectiva institucional: segundo o olhar da diretora e orientadora educacional

A análise da indisciplina na escola, além de considerar a percepção dos professores e as manifestações comportamentais dos alunos, foi aprofundada pela perspectiva institucional, representada pela diretora e pela orientadora educacional. Esse olhar permite compreender a

indisciplina não apenas como um ato isolado, mas como um fenômeno multifacetado que envolve aspectos preventivos e punitivos, a delimitação de funções dentro da gestão escolar e a necessidade de um acompanhamento individualizado dos estudantes.

As falas das gestoras evidenciam ainda desafios como a confusão de papéis institucionais, a compreensão da indisciplina como sintoma de questões mais amplas e a influência de fatores estruturais no cotidiano escolar. Nesse sentido, a atuação da gestão ressalta a importância de uma ação coletiva e articulada, capaz de promover intervenções mais eficazes e contextualizadas.

### 1. Foco na prevenção

A orientadora educacional explica que, embora o setor receba com frequência alunos envolvidos em situações de indisciplina, sua função principal não é a de punir, mas de atuar preventivamente e investigar as causas que desencadeiam determinados comportamentos. Conforme afirma: "O trabalho de orientação educacional não é focado na indisciplina em si, mas sim no novo comportamento... A gente trabalha mais na prevenção do que na disciplina. "Essa declaração evidencia uma concepção de indisciplina que ultrapassa a mera correção de condutas, priorizando ações voltadas ao desenvolvimento socioemocional e ao acompanhamento contínuo do estudante.

### 2. Limites de atuação e confusão de papéis

A orientadora educacional também aponta que a recente implementação do cargo na rede ainda gera certa confusão entre os profissionais quanto às atribuições da orientadora educacional. Nesse contexto, ela esclarece que situações mais graves — como agressões físicas, conflitos intensos ou danos ao patrimônio — devem ser conduzidas pela direção escolar, conforme determina o regimento interno. O papel da orientadora escolar, portanto, não envolve a aplicação de penalidades, mas sim o encaminhamento adequado e o suporte na mediação dos casos.

Como estratégia preventiva, a orientadora educacional relatou que, logo no início do ano letivo, realizou a apresentação do regimento escolar para todas as turmas, conscientizando os alunos sobre seus direitos e deveres. Além disso, procurou fazer um planejamento focado em valores e ética para prevenir a indisciplina de forma sistêmica:

"Eu trabalho em cima de valores que estão em negociação... ao invés de procurar resolver o problema".

### 3 - A indisciplina como sintoma

A análise evidencia que a indisciplina, em muitos casos, funciona como reflexo de questões externas ao ambiente escolar, o que confirma parte das percepções apontadas pelos professores. Entre os fatores mencionados pela orientadora educacional estão a ausência de rotina e de limites no contexto familiar, situações de luto — como no caso de um aluno que havia perdido recentemente o pai — e o uso excessivo de tecnologias, especialmente o celular, aspectos que podem gerar apatia ou agitação em sala de aula. A diretora e a coordenadora ressaltam que, diante desses desafios externos, a escola adota uma abordagem de acolhimento e parceria com a família. Elas explicaram que o foco é “promover o diálogo constante com os responsáveis, oferecendo escuta e orientação, além de manter um canal aberto com a orientadora educacional para encaminhamentos e suporte individualizado aos estudantes em situação de vulnerabilidade”.

O cerne da atuação da orientação educacional consiste em investigar o que está por trás dos comportamentos apresentados pelos alunos, indo além das manifestações visíveis do problema. Como afirma a orientadora educacional: "A minha função é descobrir o que está por trás daquele comportamento agressivo, descobrir o que está por trás daquele comportamento que o aluno não fica quieto na sala."

Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido pela orientadora educacional assume um caráter profundamente individualizado e requer estreita articulação com a família. A orientadora educacional ressalta: "Eu converso com a família e detecto um problema: 'esse pai está muito ausente, a mãe fica o dia todo fora trabalhando, é uma criança que fica com o celular'."

Essa necessidade de acompanhamento mais próximo é ilustrada pelo caso do aluno Nicolas, que recebia um atendimento diferenciado devido à suspeita de TDAH. A situação demandava comunicação constante com os responsáveis sobre o tratamento médico e o uso da medicação, bem como a adoção de adaptações pedagógicas em sala de aula, reforçando o caráter multifatorial da indisciplina e a importância de intervenções integradas.

### 4- Fatores estruturais e a ação coletiva

A orientadora educacional reconhece que fatores estruturais da escola e a própria dinâmica das turmas exercem influência direta sobre o comportamento dos alunos. Um exemplo evidenciado na pesquisa é o 3º ano, identificado como uma das turmas mais desafiadoras tanto

pelo número elevado de estudantes quanto pela concentração de alunos com histórico de comportamentos difíceis — situação resultante das limitações institucionais no processo de formação das turmas.

Apesar das intervenções realizadas pela orientação educacional, a resolução dos problemas de indisciplina não depende exclusivamente desse setor. A orientadora educacional enfatiza que o enfrentamento das condutas inadequadas requer uma ação verdadeiramente coletiva, na qual o papel do professor se torna central e insubstituível. Como afirma: "É um trabalho que é coletivo, sim... se o professor, que é aquele que está o tempo todo em contato com o aluno, não tiver uma certa firmeza, se ele não tiver uma estratégia... o problema persiste."

Nesse sentido, a orientadora educacional se configura como um setor de apoio e de leitura contextual da realidade dos alunos, oferecendo ao professor informações relevantes — "aconteceu isso na casa de fulano... é por isso que está desse jeito" — que possibilitam compreender a origem dos comportamentos e agir de forma mais assertiva. Assim, a professora passa a ter condições de transformar situações de conflito em oportunidades educativas, utilizando o conhecimento individualizado dos estudantes como base para intervenções mais eficazes.

##### 5- A visão da direção da escola

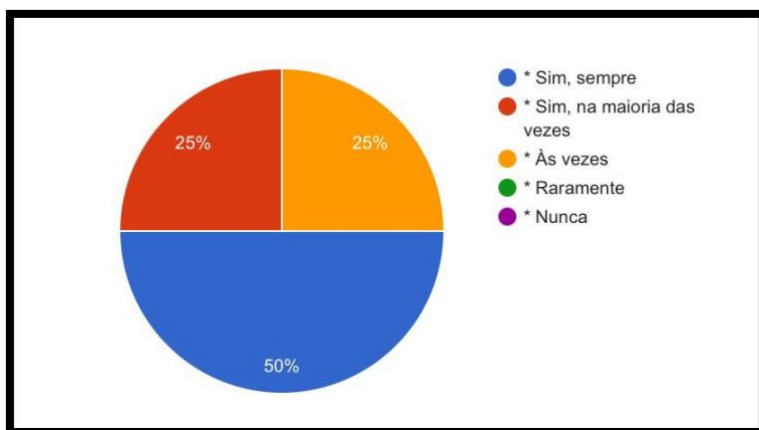
A direção da escola, responsável pela gestão geral e pela manutenção da ordem institucional, reforça as percepções apresentadas pelos professores e pela orientadora educacional, reconhecendo a gravidade da indisciplina e confirmando que muitos de seus fatores desencadeadores têm origem externa ao ambiente escolar. A diretora e a orientadora educacional complementaram que, justamente por reconhecerem a complexidade das causas externas, o foco da gestão é ser estratégica e acolhedora. Elas explicaram:

É essencial que a escola não apenas identifique a origem externa do problema, mas que também ofereça um ambiente seguro e intervenções que funcionem. Nossa equipe tem se dedicado a manter a eficácia das estratégias - como mostram os dados -, pois sabemos que a escola é, muitas vezes, o último refúgio de estabilidade para esses estudantes.

O gráfico 7 avalia a eficácia das estratégias adotadas pela escola no combate à indisciplina. Os resultados mostram que 50% dos respondentes percebem resultados "sim, sempre". Contudo, a outra metade se divide entre "sim, na maioria das vezes" (25%) e "às vezes" (25%). Isto sugere que, embora haja otimismo, a eficácia das estratégias ainda não é

totalmente consistente para todos os educadores, indicando a necessidade de ajustes nas abordagens.

Gráfico 7: Existência de resultados com estratégias adotadas pela escola no combate a indisciplina



Fonte: elaborado pelo Google formrs (2025)

No diagnóstico apresentado pela gestora, destaca-se que a disciplina na escola não atinge um nível satisfatório, sendo atribuída principalmente à falta de limites no contexto familiar. Essa leitura converge com o entendimento de que boa parte dos comportamentos inadequados manifesta-se como reflexo das relações estabelecidas no ambiente social e familiar dos alunos.

Em relação às estratégias de intervenção, a direção enfatiza ações de caráter pedagógico e formativo, fundamentadas na necessidade de fortalecer a parceria com as famílias. Entre essas iniciativas, destacam-se o trabalho sistemático com valores e ética no cotidiano escolar e a comunicação direta com os pais para conscientizá-los sobre a importância da imposição de limites e do acompanhamento contínuo da vida escolar de seus filhos.

Essa perspectiva da gestão é fundamental, pois alinha a visão institucional aos desafios identificados tanto em sala de aula quanto no setor de orientação educacional, corroborando a análise de que a indisciplina é um fenômeno multifatorial e que sua superação requer corresponsabilidade entre escola e família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos professores diante da indisciplina em sala de aula, buscando identificar os comportamentos considerados inadequados, os fatores que influenciam sua ocorrência e as estratégias adotadas pelas professoras, diretora e orientadora educacional no enfrentamento dessa realidade. A investigação, desenvolvida por meio de observações, aplicação de questionários e entrevistas com docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, permitiu compreender que a indisciplina constitui um fenômeno complexo e multifacetado, permeado por dimensões familiares, sociais, emocionais e pedagógicas. Esses diferentes elementos interagem entre si e se manifestam no cotidiano escolar, exigindo dos profissionais uma atuação integrada, sensível e contextualizada.

Os resultados revelaram que os comportamentos mais citados como indisciplinados foram a desobediência, as conversas paralelas, o desrespeito às regras e a falta de atenção às atividades escolares. Esses comportamentos refletem não apenas atitudes individuais, mas também um contexto mais amplo, marcado pela ausência de acompanhamento familiar e pela carência de valores e limites no ambiente familiar. A maioria dos professores destacou que a indisciplina tem origem, em grande parte, na falta de apoio familiar, na pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos e na ausência de regras claras tanto em casa quanto na escola.

Os depoimentos dos sujeitos da pesquisa também apontaram que as condições estruturais e organizacionais da escola influenciam o comportamento dos alunos, especialmente quando há superlotação das turmas ou ausência de recursos adequados para o trabalho pedagógico. Contudo, o estudo evidenciou que a postura adotada têm papel essencial na prevenção e no enfrentamento da indisciplina. Professores que atuam com diálogo, escuta, acolhimento e regras bem definidas conseguem manter um ambiente mais harmônico e colaborativo.

Entre as estratégias mais citadas para lidar com a indisciplina destacam-se o diálogo individual com os alunos, o contato com as famílias, a parceria das professoras com diretora e a orientação educacional. Em diversos relatos, os professores enfatizaram a importância de uma postura firme, porém empática, que combine autoridade e afetividade, favorecendo a construção de uma disciplina consciente e cooperativa. Essa postura dialoga com as concepções teóricas de Vasconcellos (2000), Gotzens (2003), Piaget (1994) e Libâneo (2006), que compreendem a disciplina como resultado do respeito mútuo, da autonomia moral e da participação ativa dos alunos na construção das regras de convivência.

Dessa forma, foi possível constatar que a indisciplina não deve ser entendida como um problema isolado do aluno, mas como um fenômeno que reflete as relações escolares e familiares. A superação desse desafio requer uma ação conjunta entre escola, família e comunidade, pautada no diálogo e no compromisso com o desenvolvimento integral do educando. A formação continuada dos professores também se mostra fundamental, pois possibilita a ampliação de estratégias pedagógicas e o fortalecimento emocional diante das situações desafiadoras do cotidiano escolar. Ademais, sugere-se que futuras pesquisas apliquem esta metodologia a outras escolas da rede municipal, selecionadas por amostragem probabilística, visando verificar a validade e a generalização dos achados, uma vez que a instituição deste estudo foi escolhida por conveniência (proximidade do pesquisador).

Conclui-se, portanto, que lidar com a indisciplina exige do professor não apenas domínio de conteúdo, mas também sensibilidade, equilíbrio e intencionalidade pedagógica. O desafio está em transformar situações de conflito em oportunidades educativas, construindo um ambiente escolar mais humano, democrático e participativo. Espera-se que o presente estudo contribua para a reflexão sobre as práticas docentes e para o aprimoramento da gestão da sala de aula, fortalecendo o papel do professor como mediador do conhecimento e promotor de uma convivência baseada no respeito e na cooperação.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A criatividade na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas e seus estímulos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- ANTUNES, Celso. **Professores e professores**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 43.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 10 mai. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento/Concepción Gotzens; trad. Fátima Murad. – 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**: convite a viagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola, 11<sup>o</sup> ed./ Celso dos S. Vasconcellos. – São Paulo: Liberdade, 2000.

VYGOTSKY, L, S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luz S. Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## QUESTÕES DOS QUESTIONÁRIO

### **Categoria 1: Comportamentos indisciplinados.**

1. Quais os comportamentos dos alunos você considera mais característicos de indisciplina em sala de aula?

**Resposta:**

2. Em sua experiência, quais atitudes dos alunos mais atrapalham o andamento das atividades pedagógicas?

**Resposta:**

3. Você acredita que todos os professores têm a mesma percepção sobre o que é ou não indisciplina? Por quê?

**Resposta:**

### **Categoria 2 – Fatores que influenciam a indisciplina.**

4. Na sua visão, quais fatores contribuem para a ocorrência da indisciplina em sala de aula?

**Resposta:**

5. Você percebe que o contexto familiar dos alunos influencia no comportamento em sala de aula? De que forma?

**Resposta:**

6. As condições da escola (como estrutura, recursos e regras) influenciam na disciplina dos alunos? Explique

**Resposta:**

7. Você acredita que o perfil do professor e sua metodologia de ensino também pode impactar a disciplina da turma?

**Resposta:**

### **Categoria 3 - Estratégias utilizadas pelos professores.**

8. Quais estratégias você costuma adotar para lidar com situações de indisciplina em sala de aula?

**Resposta:**

9. Você considera que essas estratégias têm trazido resultados positivos? Poderia dar exemplo?

**Resposta:**

10. Na sua opinião, que tipo de apoio à escola poderia oferecer para auxiliar os professores no enfrentamento da indisciplina?

**Resposta:**

•